



# IMAGENS DE PORTUGAL

*Marco Lucchesi*

Como dizer Portugal? Como pronunciar-lo? Se foi Portugal quem nos disse e pronunciou primeiro?

De onde nos vem essa busca inesperada? Esse luminoso abismo? Esse legado, que infunde nostalgias de horizontes? Como dizer Portugal, senão através da altitude de Camões, de seus mares infindos, do desassossego de Pessoa, das pedras de Saramago, ou dos fantasmas de Lobo Antunes?

Portugal não é um país. Portugal é uma condição. Pátria de uma língua, que reveste a nudez de suas palavras, com tecidos finos, como a renda; transparentes, como a seda; ásperos, como a fala de Trás-os-Montes, cortantes como o sabre; ou sinuosos como os rios, de Babel e Sião, às margens dos quais chorou Camões. Esse Portugal sem fronteiras, esse Portugal da palavra, me comove e arrebatava. E me leva a compreender uma parte de mim. E do Brasil. De suas contradições, tão próximas das minhas. Corpo. Alma. E uma teimosa esperança.

O Minho. O São Francisco. O Tejo. O Capiberibe. E a ponte 25 de Abril, unindo nossos mediterrâneos. As igrejas de Lisboa, Nossa Senhora da Distância (existirá?), a proteger os Vascos e os Pedr' Álvares. De tempestades. Calmarias.

Hoje, deixamos de navegar. Somos navegados. Em outros barcos. Em outras águas. Viver é preciso...

E penso nas mulheres celtas, que descansam junto às fontes, Floras, Filomenas. E sempre o Feminino. Portugal como Natércia e Florbela.

E o castelo de Marvão, mistério, preservado em sublimadas geografias. Ouço o aspero combate, que prossegue na memória das pedras, vales e montanhas.

E os pescadores, atraídos pelo oceano (quando não levados), regressando com histórias, sardinhas e horizontes. E as mães, desesperadas, lançando pedras contra o mar. Que levou seus filhos. *Oh glória de mandar, ó vã cobiça...*

Caminho de madrugada pela Mouraria. E sonho com Dom Sebastião, a emergir das trevas. E o eterno-feminino, nos fados de Amália. E o semblante de Vieira. E o Quinto Império.

Já não sei onde habitam meus extremos. Apenas um indício. Uma promessa. Como o Cristo dos Jerônimos.

E assim, Portugal me pronuncia. Velas ao vento. Saudades do Futuro.

#### POEMAS DO LIVRO INÉDITO *ALMA VÊNUS*

##### CÍRCULO DO TEMPO

passam velas ao vento caravelas...	marítimos ou anfíbios descendemos)
outras naus outras gentes singulares	a navegar sozinhos noutros mares:
hã de surgir em fúlgido horizonte	e seguem na onda fria que não passa
novos pedros e outros vascos (dos quais	e buscam novas índias e alcobaças

A CONTRA-FLOR

*aqua propter caelum simili ratione fatendumst  
terramque, et solem, lunam, mare, cetera quae sunt,  
non esse unica, sed numero magis innumerali*

Lucrecio

a alma Vênus  
desvela

ao nobre Gama

segredos  
deste  
e de outros  
impensados mundos

a antimusa  
perdida  
e solitária

a contra-flor  
no jardim  
das Hespérides

a sombra  
leve  
de heróis  
paralelos

e o canto  
das cotovias  
nos plurimundos...

nas luas  
nas estrelas  
madrugadas

mil pássaros  
do silêncio

dão asas  
ao coração

fugitivo da matéria